

Dossiê entre mídias:
Dramaturgia e Tradução

Apresentação

Anna Palma
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa
GTT/CNPq

Este dossiê, uma publicação organizada pelo Grupo de Pesquisa em Tradução Teatral (GTT-CNPq), apresenta as pesquisas mais recentes de seus integrantes e abre espaço para outros estudos, sobre o mesmo tema, de autores não vinculados ao grupo.

Propomos a reflexão acerca da relação entre dramaturgia e gênero literário, o que abrange o estudo dos processos de construção dramática tanto nos textos dramáticos propriamente ditos quanto em textos que se utilizam da teatralidade para criar impacto, borrar limites, enriquecer sua linguagem.

Almejavamos, com a organização do volume, suscitar, retomar e responder, de forma atual e engajada, questões como: há especificidade na escrita e na realização de textos dramáticos? Hibridizações são bem-vindas? Acaso um romance comporta teatralidade em sua escrita? Há identidade linguística marcada nos vários gêneros textuais voltados para a cena (drama, tragédia, comédia, peças radiofônicas, teatro digital, podcast, etc) ou a identidade dessas criações se manifesta apenas na performance? Procede ainda o que escreveu o velho Plauto ao interpelar o espectador e mudar o gênero do espetáculo (*Anfitrião*, v. 52-60), servindo-se dos mesmos versos para converter uma tragédia em comédia? Procede a estratégia do Bruxo do Cosme Velho, em *Dom Casmurro*, ao interpelar o leitor, dramaticamente, e ordenar, no Capítulo CXIX: “Não faça isso, querida! A leitora, que é minha amiga e abriu este livro com o fim de

descansar da cavatina de ontem para a valsa de hoje, quer fechá-lo às pressas, ao ver que beiramos um abismo. Não faça isso, querida; eu mudo de rumo.”?

Os artigos produzidos e aqui coletados tangenciam estas questões e caminham para debater propostas interessantes para os pesquisadores de teatro e literatura. Iniciamos o dossiê como uma tradução inédita de Anna Palma para um texto teórico de Marisa Pizza, estudiosa que conviveu — como observadora interna “em contínua relação intersubjetiva e colaborativa” nos trabalhos desenvolvidos — com dois gênios do teatro italiano, Dario Fo e Franca Rame. Prestamos homenagem ao casal.

O texto de Marisa Pizza escolhido para a tradução foi um capítulo de livro que se debruça sobre os dois autores-atores italianos, relatando, comentando e teorizando não apenas ações teatrais, mas igualmente suas ideias e dramaturgia tão *sui generis*: o teatro deve ser tratado de forma global — levando-se em conta ator, texto, diretor, cena, acontecimento inesperado — e é importante para o artista do palco “aprender tudo que está ligado ao fazer teatro”. A matéria vertida compreende, pois, um estudo valioso através da coleta de comentários argutos nas “aulas-teatro” que Dario Fo proferiu na Academia Paolo Grassi (*Cívica Scuola di Teatro Paolo Grassi*, Milão), em junho de 1996. Calcado em improvisações que se constroem a partir das reações do público durante o desenvolvimento da cena, o teatro-curso de Dario Fo e Franca Rame é puro movimento, criação em ação. As “aulas-teatro” descritas garantem certa centralidade da recepção, transmitem sensibilidade poética, linguística e gestual extraordinárias. Ensinaamentos preciosos são assim preservados, tais como: “Todos insistiram sempre na diferença enorme que existe entre dois modos de conceber o teatro: teatro de situação e teatro de palavras.”

O artigo consecutivo, “Transcrição em pandemia: o processo de criação da obra autoral *Amanheci Minha Aurora*”, é um relato de autor, dramaturgo e ator de autoria de Alice Mesquita. A atriz integra o Grupo de Pesquisa de Tradução Teatral (GTT/CNPq) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e discorre sobre o conceito de *transcrição*, forjado por Haroldo de Campos, aplicado à transformação e mudança dos gêneros literários, a saber, da epopeia para o teatro do teatro para o poema cinésico. Na proposta, a transcrição se apresenta como ferramenta criativa intersemiótica aplicável à pesquisa teatral, ou seja, um processo criativo de negociação entre linguagens e não somente interlinguístico.

Guilherme Mello, também do GTT, segue com algumas ponderações e investigações sobre os processos de significação estrutural subjacentes à escrita de um dado texto literário e se coloca “à cata de ‘tensões’ estético-textuais legíveis e histórico-subjetivas a serem interpretadas com coerência”, o que é, nada mais, nada menos, nos dizeres do próprio, aliar técnicas de tradução ao exercício de *mise-en-scène* associando tradução interlingual, dramaturgia e tradução intersemiótica. Mello trabalha com o conceito de “devir cênico” de Gilles Deleuze, a partir de *Sarrazac*. O filósofo abre o verbete devir do *Léxico do Drama Moderno* com a seguinte epígrafe: “Devir é nunca imitar ou agir, como

tampouco é conformar-se a um modelo, ainda que seja o de justiça ou verdade. Não existe um termo do qual partimos, nem um ao qual chegamos ou devemos chegar.” A epígrafe, como se pode ver, tange questões cruciais de tradução e o artigo seguirá este caminho perseguindo os pontos textuais de expectativa marcados nos textos e particularmente na tradução de trechos da peça “Draußen vor der Tür” de Wolfgang Borchert (1975).

Maria Elisa de Almeida, uma das coordenadoras do Grupo Miguilim (conjunto de contadores de histórias criado em Cordisburgo e que se dedica à formação de jovens através da narração, de cor, de trechos da obra de João Guimarães Rosa) parte do pressuposto de que o texto literário não é um texto qualquer. Para ela, a literatura “carrega a inscrição da singularidade de uma fala com seu ritmo e oralidade característicos” e dirige-se diretamente aos nossos sentidos, ou seja, ele traz em si mesma uma dimensão de *performance*, ainda que o conteúdo seja recebido em leitura silenciosa. Segundo a autora, o texto de prosa ou poesia, ao ganhar um corpo de narrador para se tornar acontecimento, revigora-se sobremaneira e ganha um modo único e pessoal de falar, de se expressar e de fazer significar em gestos e fala. “Na voz do narrador oral, toda a oralidade da escrita literária é renovada e recriada em um timbre próprio com sua cadência e pausas, em sua entonação e prosódia.”

Maria Fernanda Gárbero discorre sobre a proposta tradutória de Marcelo Velázquez que culminou na peça “La pasión según G.H”, apresentada em 2021 no teatro “El portón de Sánchez”, Almagro. Antes, porém, a obra de Clarice Lispector é situada, e são iluminadas as questões culturais mais pungentes que envolvem as relações patrão-empregado, destacadamente os domésticos, no âmbito brasileiro, nos anos 1960 e nos últimos anos da segunda década do ano 2000. Gárbero confronta, em seus comentários, a publicidade brasileira e a argentina, o que é sobremaneira interessante para percebermos a atualidade do romance e as diferenças entre um país e outro. Uma das ferramentas utilizadas pela pesquisadora é o conceito de glotopolítica de Louis Guespin e Jean Baptiste Marcellesi, evidenciando ainda mais a brutalidade hierárquica e o preconceito revelados pelo texto de Lispector e por sua encenação ainda hoje.

Finalmente, encerramos com um texto que relata a quadrinização da tragédia Orestes de Eurípidés. Os autores declaram estar propositalmente incentivando a inserção do gênero nos estudos acadêmicos que não aqueles restritos aos das artes visuais. Em brevíssimo estudo, Piero Bagnariol e Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa apontam algumas vantagens do gênero HQ para a assimilação do tempo mítico de forma imediata e confrontam a narrativa linear com a narrativa circular-mítica e polissemântica do teatro. E, sem mais, esperamos que a leitura deste conjunto seja agradável e proveitosa a todos,

Anna Palma
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa
GTT/CNPq